



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O TERCÊ DE IMPERATRIZ É UMA SAGRADA BRINCADEIRA DE GENTE GRANDE?

Maria da Glória Feitosa Freitas

Professora da UFMA/ CCSST – Imperatriz

E-mail: mariadagloriaff@hotmail.com

Ao realizar um inicial Estudo Exploratório em uma comunidade de afrodescendentes, parceiros nas crenças de uma cosmologia integrante de religiões de matriz africana é possível perceber que o escutado, visto, indagado e concluído é o retrato de um modo de viver em comunidade.

Norbert Elias afirma que

o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. Ele adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e assim, num contexto mais amplo, da história de toda a rede humana em que cresce e vive. Essa história e essa rede humana estão presentes nele e são representadas por ele, quer ele esteja de fato em relação com as outras pessoas ou sozinho. (1994, p. 31).

Ao observar, indagar, registrar e escrever sobre tais vivências religiosas submergi ao encontro dos referentes culturais desta comunidade, liderada por Dona Cota, a Mãe de Santo desta comunidade. Geertz declara que a cultura não é um poder, “algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” (1989, p. 10).

O Tercê maranhense é uma manifestação religiosa conhecida como tambor de mata, Brinquedo de Barba Soeira e ainda por Verequete. Estudiosos apurados do tema afirmam que sua origem rural remonta ao século XIX e ao município maranhense de Codó, em uma comunidade quilombola denominada São Antonio dos Pretos. Araújo



(2008) afirma que o Terecô apresentaria elementos jeje-nagô¹ e já Mundicarmo Ferretti, prestigiosa pesquisadora do tema na cidade de Codó, considera a existência de uma origem banto² (2000, p. 90). Convivendo com a manifestação do Terecô em Imperatriz indagaria se a cultura indígena e o catolicismo não entrariam como elementos associados aos de matriz africana. Pai Flávio, Pai Pequeno da Casa de Dona Cota afirmou que o Terecô de Imperatriz veio de Codó e narrando sua história de vida, elucida o que é o Terecô:

o Terecô para mim é uma dança para festejar, louvar os nossos orixás e os nossos encantados, nossa encantaria, eu descobri deste criança. Eu me identificava com o trabalho espiritual, com o jeito. Eu sempre morei perto de um terreiro da Dona Joana e Seu João de Sarah que já morreram, todos dois, e sempre eles me chamavam para colocar os nomes nas velas porque eles eram analfabetos, não sabiam escrever nada e eles me chamavam para colocar os nomes nas velas para ajudar a fazer afirmação para eles e eu ajudava aquilo dali e quando precisava procurar um banho, alguma coisa e eu ia lá procurar porque eles não sabiam devido a idade e eles não sabiam ler e nem escrever. E eu me identifiquei. Mas um dos encantados de Dona Joana, o Seu João Diúna, ele dizia que eu iria ser Zelador de Santo³. E eu dizia: Não, rapaz, eu sou só simpatizante, eu gosto muito, não tem nada a ver. Eu tinha sete anos de idade.

Minhas iniciais inserções neste universo mostraram uma gama diversa de referentes simbólicos religiosos de origem africana, indígena e católica. E que concordam com a afirmação de Lindoso:

Tambor de Mina, Terecô, Umbanda, a Cura ou Pajelança e mais recentemente o Candomblé são as referências em termos de religiosidade afro no Estado do Maranhão, marcada muitas vezes pela diversidade, principalmente no 'modo de fazer religioso' ou nos modelos rituais dos contextos de cada terreiro. (2008, P.267).

Tratarei de apresentar a especificidade do Terecô em Imperatriz. Já que o Terecô nascente na localidade codoense de Santo Antônio dos Pretos é uma

¹ **Jeje-Nagô** é o termo utilizado para designar a fusão das culturas Jeje, dos povos vindos do Togo, Gana e Benin (fon, ewe, mina, fanti, ashanti) e Nagô (aos que entendiam o idioma yoruba) principalmente nas religiões de matriz africana onde são cultuados tanto voduns e Orixás.

² Castro (2001, p.169) afirma que o termo banto relaciona uma extensa família linguística africana e referente aos habitantes do lado sul da linha do Equador (Congo, Angola, Moçambique, Quênia, Zimbábue, Zâmbia, África do Sul).

³ O mesmo que Pai de Santo para os umbandistas.



religião afro-brasileira de Santo Antonio, também denominada ‘Barba Soeira’, mata ou terecô, tal como apresentada pelos autores comentados, possuía no passado, muitas diferenças em relação à Mina jeje (Daomé) e a Mina nagô da capital: pedras de assentamento guardadas em caixas de madeira (‘urna’); poste central no barracão (‘guna’); toque realizado com um só tambor, de uma só membrana (tambor da mata) com maracás (cabaças sem revestimento de malha de contas), berimbau e pífaro etc. Mas também possuía muitos pontos em comum com a Mina mais tradicional de São Luís: o encantado era quem dava o seu nome; só se batizavam os médiuns, dois anos após estarem recebendo seus guias; os terreiros tinham pedra de castigo; e parece que a religião não era confundida com curandeirismo (‘magia curativa’) nem com feitiçaria (trabalho para o mal ou ‘magia negra’) (FERRETTI, M., 2001, p.105).

Percebi na Casa de Dona Cota a existência pedra do castigo ou mãe boa e observei que na abertura dos trabalhos, na madrugada do sábado de aleluia de 2011, cada médiun que incorporava um encantado passava junto à pedra e batia suas palmas da mão ali. As pessoas presente informavam que aquela era a pedra do castigo e explicavam que se o médiun estivesse em débito com sua entidade, ali era o lugar de um acerto de contas. Existe a Guna ou poste central no barracão e ali o grupo encerrou, formando um círculo, com uma mão apoiada na Guna e rezaram prece ligada ao catolicismo para encerrar a atividade, às seis da manhã. Existem três tambozeiros, dois tambores tocados de pé, denominados de Meião e Tambor e ainda outro instrumento metálico tocado sentado, conhecido como tarol ou lata. E há o uso de maracás.

Os participantes, homens e mulheres, falam bastante da festa principal do ano e que nesta casa é dedicada a Nossa Senhora Santana. É impressionante o ritmo acelerado das danças dos terecozeiros e suas roupas contribuem para uma impressão estética impressionante deste movimento intenso de giros nas suas vestimentas. E Pai Flávio apresenta a festa que é brincar o terecô:

Quando alguém diz que vai ali brincar um Terecô ela está querendo dizer que vai devotar os seus orixás. Às vezes a gente diz que vai brincar o Terecô porque se a gente disser assim: ‘Eu vou para a macumba!’, a pessoa sente um pouco de exclusão. E diz assim: ‘Não, eu vou brincar o Terecô! Ou seja ‘Eu vou dançar o Terecô e vou devotar os meus orixás, vou dá passagem na minha corrente!’ Eu vou brincar o Terecô, ou seja, que é através da dança, da incorporação, o guia vem para retirar as energias negativas do médium. Tudo acontecendo naquele espírito de alegria, com amor, com sua indumentária, com aquela alegria, tomando os seus banhos, cultuando. Passamos nove noites baiando, rodando, baiando, brincando o Terecô porque para a gente ali é normal, não cansa, porque não é a gente, estamos incorporados. É de longa duração. Começou a meia noite e foi até de manhã.

E há uma característica da intensidade dos movimentos e da duração da festa. No dia 23 de abril a festa começou um pouco depois da meia noite e ainda tocavam no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

amanhecer do dia. Rodopiam em torno do salão em uma dança circular animada e com uma expressão de harmonia. Este girar incessantemente ao redor do salão parece a produção de um bom encontro entre os médiuns e dos médiuns com os encantados. É necessário abrir as rodas, dar passagem aos devires. Deleuze e Guattari comentam a possibilidade de nos encontros

entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Não abrimos o círculo do lado onde vêm acumular-se as antigas forças do caos, mas numa outra região, criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga. E dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar 'linhas de errância', com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes." (2005, p. 116).

Os encantados do Terecô de Imperatriz não são de origem africana, não são voduns (ligados ao Tambor de Mina) e nem orixás (ligados ao Candomblé). A encantaria maranhense é composta dos seres humanos desencarnados, ou seja, mortos, e que desapareceram ou se encantaram (viraram invisíveis).

Conversei com o encantado do Pai Flávio, Pai Pequeno da Casa de Dona Cota, e fui esclarecida por ele, conhecido como Zé Mineiro, que ele havia se encantado em uma mina em Belo Horizonte e disse ainda que Dona Joaquina, outra entidade incorporada por Pai Flávio tinha sido encantada em um engenho de cana, e era Légua Buji Buá Ferreira da Santíssima Trindade. Essas entidades cantam as suas músicas e os demais médiuns acompanham cantando e dançando. E essas músicas, chamadas de pontos, falam do lugar de sua encantaria. E ele narrou a sua ligação com o Terecô na infância:

Eu quando eu tinha sete anos e ia lá à casa de Dona Joana e Seu Zé Sara não ia para brincar, como uma criança de sete anos brinca ao redor do terreiro, eu ia para assistir, era próximo, era do outro lado da minha casa, às vezes ia pedir uma proteção para Dona Joana, ia pedir um benzimento e ela me dava, preparava um banho e minha mãe nunca interferiu nisso. Ela sempre dizia: 'Parece que você vai ser terecozeiro?'



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Visitei a casa de Dona Cota na saída de um período de parada, por todo o tempo da quaresma cristã católica, em 2011. E o Pai de Santo Pequeno da Casa, Pai Flávio, nascido em 1975 explica o que são esses 40 dias para o povo do Terecô:

Paramos na quaresma para descansar e rever as nossas vidas, meditar, buscar nosso interior, tipo fazer uma reflexão, é uma retrospectivamente espiritual nas nossas vidas para que no sábado de aleluia a gente possa celebrar essa vida com os orixás de uma maneira pura, saudável, de uma maneira que você possa estar em sintonia com o sagrado para nós que são os orixás e os nossos encantados. Nós comemoramos no sábado de aleluia a volta dos nossos encantados, que estiveram suspensos buscando força em Aruanda. Eles vão buscar mais força, mais energia positiva para poder trazer e transmitir para as pessoas que estão com eles. Então esses 40 dias é uma preparação, uma revitalização de forças para poder conseguir a missão. A lição que os encantados nos trazem é de a vida continua. Eles trazem... colaboram, trazem lições de vida, trocam experiências, orientam. Quantos e quantos não chegam às nossas mãos pessoas vítimas de suicídios, drogas, doenças, pessoas manifestadas por energia negativa demais e então se consegue ajudar. E você vê que eles é gratificante, porque eles vão e agradecem através da força espiritual, da força espiritualista por toda essa força que trazem eles, a confiança...

No Maranhão o Tambor de Mina, religiosidade de matriz africana muito presente em São Luís também não funciona no período de quaresma. As entidades religiosas do Tambor de Mina, os voduns não se manifestam nesta época na Casa de Minas, da Rua São Pantaleão, em Madre Deus, famoso terreiro de tambor de Mina fundado por africanos no século XIX e de culto aos voduns em São Luís como afirma Sérgio Ferretti, renomado pesquisador do tema no Maranhão:

Os voduns não vêm, e na Quaresma não se mexe em nada deles. Se morrer alguém da casa neste período, os rituais fúnebres ficam transferidos para depois. Não é conveniente empreender longas Viagens e não se deve chamar pelos voduns que estão ausentes. Indagados para onde vão na Quaresma, os voduns dizem que nesse tempo, são lembrados na terra os sofrimentos de Evovodum Jesus, com jejuns e penitências. Eles não gostam de tristezas e sofrimentos, que é coisa dos humanos e preferem ficar descansando. Dizem que tiram férias, que estão de quarentena e que não ficam disponíveis para qualquer coisa. Nesse período não se coloca água nem outra coisa para eles no quarto dos santos. Só varrem e acendem luz de vela. Em São Luís, na Quaresma não se realizam festas nas casas de mina, como até pouco tempo em toda a cidade. Alguns terreiros que adotam rituais de Candomblé eventualmente organizam uma saída de iaô, que é criticado pelo povo de mina. (1995, p. 159).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Já no Terecô de Imperatriz os filhos de santo de Dona Cota ficaram recolhidos por todo o dia de sexta-feira da paixão, deitados no chão. Chegada a meia-noite e com o acontecimento da chegada do sábado de aleluia, levantaram e rezaram um rosário, tomaram banhos de ervas preparados por a mãe de santo e a festa começou. E Pai Flávio explica o sentido da festa para a sua religião:

A festa é um momento de agradecimento. Para nós a vida baiando o Terecô, brincando, a vida seria eternamente uma festa porque a nossa vida tem que ser uma festa, já que estamos aqui, nesta passagem de pouca estadia aqui no plano terrestre, mas é uma festa para nós. Então o Terecô tem que ser aquele momento de festa e contamos com a nossa festa dos nossos mentores espirituais, sempre tem aquela festa que a gente faz.

Como esclarece Mikhail Bakhtin:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. (1993, p. 7).

Ouvindo os participantes da festa é recorrente uma expressão uníssona, dizem todos que vieram participar da brincadeira de Terecô ou vieram brincar Terecô. E dançam numa alegria com os encontros com os outros brincantes. Ao falar do Terecô é como uma brincadeira que todos o reconhecem.

Os médiuns iniciantes ou experientes chamam de brincadeira a dança-ritual e giram incessantemente ao som dos tambores aquecidos temporariamente e fora do salão junto à fogueira. E Pai Flávio anuncia que o

Terecô é uma dança, uma brincadeira, mas uma brincadeira sagrada para nós, aonde vamos cultuar os nossos orixás e devotar os nossos antepassados, o nosso povo, pedindo a proteção na corrente de cura, na corrente de daquilo que tiver ao nosso alcance para aqueles que necessitam, através da prece, da oração, da descarga, dos banhos. O Terecô é feito com



alegria, com alegria. E a alegria pelo fato de sermos criados por Olorun e então se Olorun nos criou, ele nos criou para sermos livres e para sermos felizes. Então é uma dança sagrada, mas é uma brincadeira, dizemos que é uma brincadeira, brincar os nossos tambores, cultuar as nossas divindades, mas é sagrado para nós.

Ouvir o relato de Pai Flávio narrando sobre Terecô nos leva a concordar com Ecléa Bosi sobre o fato do narrador estar presente ao lado do ouvinte:

Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (1994, p. 90)

São adultos brincantes é o que se desprende das falas deles no decorrer do ritual ou em conversas nos intervalos para aquecer os tambores. Walter Benjamin reflete sobre o brincar *infantil* no adulto:

Não se trata de uma regressão maciça à vida infantil quando o adulto se vê tomado por um tal ímpeto de brincar. Não há dúvida que brincar significa libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada. A banalização de uma existência insuportável contribuiu consideravelmente para o crescente interesse que jogos e livros infantis passaram a despertar após o fim da guerra. (2002, p. 85).

Os brincantes de Terecô, iniciados na Religião e praticantes em Imperatriz, no Sul do Maranhão, vivem em um cenário de profunda intolerância religiosa e que já é fato antigo. E Pai Flávio narra como eram os anos 1980 de sua infância em Imperatriz:

Naquele tempo se dizia que Terecô era coisa do demônio e eu ia para a igreja, era coroinha, dizia que iria ser padre, foi uma época que eu passei...depois dessa época eu gostava de ir, ia escondido, entrava escondido nas casas, tinha medo, repressão, por que diziam: 'Ali tem um



Terecô só tem o que não presta'.

Atualmente evangélicos vão as suas portas e gritam impropérios contra a casa e seus participantes, passam um óleo unguido à porta para o que chamam de casa do satanás deixar de funcionar. Essa situação é já bastante difundida no Brasil e é possível refletir sobre ela com Mariano:

Se os evangélicos identificam as entidades da Umbanda, os deuses do Candomblé e os espíritos do Kardecismo com os demônios, os neopentecostais vão bem mais longe ao vê-los como responsáveis diretos por uma infinidade de males, infortúnios e sofrimentos. A partir disso, o combate à macumba, aos exus, guias, pretos-velhos e orixás tornou-se um de seus principais pilares doutrinários. Mas para que esse diálogo contrastivo com os adversários fosse possível, além de se basearem na dogmática pentecostal tradicional, aproveitaram tanto o medo da macumba, da feitiçaria, da magia negra e de certos preconceitos presentes no imaginário e na memória popular quanto a própria expansão, visibilidade pública e influência cultural dos cultos afro-brasileiros. (MARIANO, 1999, p.115-116).

Habitantes das precárias vilas periféricas da 2.^a maior cidade do empobrecido estado nordestino são publicamente insultados em seus direitos de manifestação religiosa e percebi neste Estudo Exploratório inicial que são desrespeitados de seus direitos de cidadania por uma construção social que não os admite até por serem afrodescendentes e empobrecidos. Jurandir Freire Costa lembra que o

conjunto de interesses médico-estatais interpôs entre a família e a criança, transformando a natureza e a representação das características físicas, morais e sociais desta última. As sucessivas gerações formadas por uma pedagogia higienizada produziram o indivíduo urbano de nosso tempo. Indivíduo física e sexualmente obcecado pelo seu corpo; moral e sentimentalmente centrado em sua dor e seu prazer; socialmente racista e burguês em suas crenças e condutas. (1983, p. 214)

Todas as narrações de situações preconceituosas passam ou são esquecidas temporariamente ao ouvir um toque de tambor? Obviamente que os depoimentos são do amargor constante desta perseguição religiosa nos dias de culto comum e nos dias de suas grandes festas. E Pai Flávio declara ser “feliz na Umbanda, pois é onde eu vejo acontecer a partilha, sinceramente nós não escondemos o que somos, nós somos aquilo e nos apresentamos na sociedade como nós somos e nós merecemos respeito por as nossas pessoas”.



Recolho agora relatos inscritos em artigo publicado por João José dos Reis e que apresenta detalhadamente o cuidado do aparato de segurança do Estado em acompanhar os brinquedos dos africanos no nascedouro do século XIX na Bahia. O documento referido é um Ofício do Capitão Comandante de Milícias de Santo Amaro ao Capitão-Mor Francisco Pires de Carvalho e Albuquerque e nesta escrita a autoridade informa que foi informado a cerca de

Hum ajuntamento de escravos, que houve nesta Villa, pelas oitavas do pretérito natal, descerão dos Engenhos do distrito desta Villa vários escravos de todas as nações, e unindo-se em três corporações com muitos desta Villa, segundo sua nação, formarão três diferentes ranchos, de atabaques, e fizeram os seus costumados brinquedos, ou danças, a saber, os geges, no sítio Sergimirim, os Angolas, por detrás da Capella de Rozario, e os nagôs e Uças, na rua de detrás, junto ao Alambique que tem renda, Thomé Correa de Matos, sendo este ranxo o mais luzido, vestidos em meio corpo, com hum grande atabaque, e alguns adereçados com algumas peças de ouro, e continuarão com suas danças não só de dia mas ainda grande parte da noite, banqueteadando-se em húa caza vizinha a dita situação, que se achava vazia, na mesma rua de detrás, e ahi ouve muito que beber, a custa dos mesmos pretos do dito brinquedo. (Reis, 2001, p.357)

O relato policial datado de 1809 denomina brinquedo ao conjunto visível de danças na festa das diversas nações observadas. No mesmo documento haverá uma referência de uma visita intolerante a festa e feita por um padre, atualizando que certas versões do cristianismo sempre foram intolerantes às manifestações culturais das populações africanas no Brasil:

Hé certo que estando a corporação dos nagôs, e Uças no maior calor da sua dança na tarde de hum referidos dias, se endereçou a eles com zello Apostolico a Revdo. Pe. Ignacio dos Santos, para impedir a dita dança, cuja diligência foi inútil, pois os ditos pretos não atenderão respondendo-lhes com palavras menos decentes, e que afinal lhe disseram que seos senhores tinham toda a semana para se divertirem e que eles tinham nella hum só dia, e que se retirasse, aliás levaria o que lhe dessem, e assim se retirou o dito Pe. apelando para Deos. (Ibidem, 2001, p. 357)

Benjamin lembra que o adulto



ao narrar uma experiência, alivia o seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez no início. Talvez resida aqui a mais profunda raiz para o duplo sentido nos jogos alemães⁴: repetir o mesmo seria o elemento verdadeiramente comum. A essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito. (op cit, p. 101)

O empenho coletivo de manter a Casa de Nossa Senhora Santana, conduzida por Dona Cota (Irenilde Torres, nascida em 1961)⁵ em alegre funcionamento, diante de um cenário de expansão de Igrejas Evangélicas para todos os lados dos bairros periféricos imperatrizenses é uma atitude política de lutar por cidadania e pode ser entendida como um apelo de que só existe uma vida comunitária suficientemente livre “de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito” (ELIAS, op. cit, p.17).

Essa alegria por participar da brincadeira é de tanta intensidade quanto o narrar sobre as situações em que são incomodados por intolerância religiosa dos vizinhos evangélicos. É evidente que um trabalho tão inicial aponte só algumas conclusões prévias. Mas já os dados coletados levam ao encontro com essa dupla certeza: sorriem com o encontro para brincar Terecô e sofrem com a chegada às suas portas de grupos de evangélicos em insultos e provocações difíceis de suportar. Tal etnografia tão incipiente conclui que o pesquisador

enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais

⁴ No alemão *Spiele* significa tantos jogos quanto brincadeiras. O verbo *spielen* agrupa os significados de brincar, jogar e representar.

⁵ Em 17 de maio de 2011 ocorreu o falecimento de Dona Cota. A menos de um mês dos acontecimentos aqui narrados a Comunidade de Umbanda de Imperatriz ouvia o toque dos seus tambores alertar para a saída de seu corpo em direção ao sepultamento e que a casa fechava para luto por sete meses e neste momento acontecerá o Tambor de choro, instante em que são os objetos pertencentes à Mãe de Santo falecida são despachados e a casa reabrirá.



complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar linhas de propriedade, fazer o censo doméstico...escrever seu diário. Fazer etnografia é como ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos de comportamento modelado.(Geertz, 1983, p. 7)

Lins comenta que o ato de transmitir comporta a capacidade de lembrar e de esquecer:

O esquecimento, ao libertar o espaço da criação e da renovação, pode abrir via da mudança social e permitir a evolução das mentalidades onde o representado cede lugar ao apresentado. No ato da apresentação existe o espaço da inteligência sensível, espaço aqui compreendido como o lugar aberto à criação. Criar é da ordem da apresentação, cultivar – notadamente a memória das feridas e das marcas – insere-se no campo das representações. As representações emergem muitas vezes como alheias ao próprio sujeito – sujeitos da memória – pois foram pensadas, arquitetadas, imaginadas, celebradas em nome de [...] a apresentação é o lugar da invenção. Inventar um outro sujeito, múltiplo, multiplicador, um sujeito que encontra sua força na apresentação em detrimento de uma representação que só representa a si mesma. Apresentar é também apresentar outros espaços da memória: memória-acontecimento, acoplada ao esquecimento ativo, dissidente, artístico. (2000. p. 15).



Interessada na narrativa sobre o Terecô enquanto uma brincadeira foi possível ouvir sobre a dor por pertencer a uma religião de origem afro-brasileira. Selligman-Silva falando sobre os descaminhos dolorosos dos tempos da ditadura brasileira, com prisões arbitrárias e repressão a qualquer atividade criativa, discute que é possível pensar que “a memória dos explorados é tão violentada quanto essa própria camada da sociedade” (2003, p. 38) Então narrar e escrever é das mais salutares tarefa aos que são excluídos do direito a viver livremente a sua cultura. E no caso dos terecozeiros, que teimam em não parar de animadamente brincar!

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. *Umbandização, Candobleização: para onde vai o terecô?* <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/araujo-paulo.pdf>.

Acessado: 02 junho 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a Educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memórias e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afrobrasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks editora, 2001.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2005.(Coleção Trans., v.4).

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2005.(Coleção Trans., v.4).

FERRETTI, Mundicarmo. *Encantaria de Barba Soeira: Codó, Capital da magia negra?* São Paulo: Siciliano, 2001.

_____. *Desceu na guma: o caboclo no tambor de mina em um terreiro de São Luís– a Casa Fanti-Ashanti*. 2 ed. rev. e atual. São Luís: EDUFMA, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FERRETTI, Sérgio. *Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. São Luís: FAPEMA, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

Lindoso, Gerson Carlos Pereira. *Pluralismos e diversidade afro-religiosa em terreiros de Mina no Maranhão: um estudo etnográfico do modelo Ritual do Ilê Ashé Ogum Sogbô*. (Dissertação) Mestrado em Ciências Sociais. São Luís, Universidade Federal do Maranhão.

LINS, D. *Memória, esquecimento e perdão (Per-Dom)*. In: *Memória e Construções de identidades*, Rio de Janeiro: 7 letras, p. 09-15, 2000.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

NORBERT, Elias. *Sociedade dos Indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

REIS, João José. *Batuque Negro*. In.: *Festas: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, volume I/ István Jancsó, Iris Kantor (orgs.)- São Paulo, Hucitec /EDUSP, Imprensa Oficial, 2001.

SELIGMANN-SILVA, M.(ORG.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.